A PLEBE

ASSIGNATURAS
ANNO . . 10$000 — SEMESTRE . 5$000
Numero avulso: Da semana, $100; atrazado, $200
As assignaturas começam sempre no 1.º do mez em que são tomadas

Redacção e Administração:
Rua 15 de Novembro, 16 (Sobrado) — S. PAULO
Endereço: Caixa Postal, 195

ANNO II — NUM. 10
São Paulo, 26 de Abril de 1919
PUBLICA-SE AOS SABBADOS

A desorientação burgueza

Parece já fóra de duvida o fracasso completo da Liga dita das Nações. Os estadistas da burguezia estão definitivamente desorientados e vão perdendo até o proprio instincto de conservação, teimosos, cada qual aferrado ao seu imperialismo particular e ás suas ambições nacionalistas. Os Clemenceau, endurecidos e inadaptaveis, permanecem num ponto de vista feroz de revanchismo anterior a 1914 e incompativel com as circumstancias novas. Os Orlando, com o seu irredentismo retintamente imperialistico mascarado de motivos ethnicos e historicos, continuam a velha pratica dos assaltos diplomatico-militares á calabreza. Os Lloyd George, mais finorios, procuram apenas dourar a pilula do seu omnipotente navalismo commercial. Os Wilson, mais hypocritas, declamando um idealismo evangelico de fundo ultra-pratico, prégam no deserto as delicias da Sociedade em commandita das Nações... traficantes. Emquanto isso, as massas populares, ao influxo da onda vermelha, que avulta das estepes moscovitas cada dia mais volumosa, vão acordando por sobre as fronteiras os processos communs de acção revolucionaria e renovadora.

Essa, a differença fundamental da acção burgueza e da acção proletaria. A burguezia não se entende, não sabe o que quer, nem como quer, ao passo que o proletariado sabe nitidamente, em todos os meridianos, o que quer e como quer. Dahi o triumpho em marcha da revolução socialista e dahi o fracasso latente da Liga dos Estados. A Conferencia da Paz apressa atabalhoadamente a assignatura do termo definitivo das hostilidades militares com a Allemanha, como preliminar inadiavel á continuação do seu bate-bocca. E o bate-bocca ameaça degenerar em desentendimentos irreductiveis e fataes... Ao mesmo tempo, no mesmo minuto dos debates engasgados do conclave burguez de Pariz, que vemos da parte das massas trabalhadoras? Na França, as demonstrações inequivocas de força, com o preparo das gréves para o 1.º de Maio. Na Inglaterra, sob a apparencia das conciliações, augmentam os rumores subterraneos de descontentamento. Na Italia, já se entrechocam as forças da revolução e as forças da reacção, em sangrentos conflictos prenunciadores da borrasca final. Nos outros paizes alliados ou neutros, nos Estados Unidos como na Hespanha, em Portugal como na Argentina, todos os signaes positivam as previsões da derrocada proxima.

Antes de concretizar-se, a Liga das Nações é já um fracasso. Com ella, a internacional capitalista tambem claudica, e em bréve estará por terra, irrevogavelmente batida pela terceira Internacional dos Trabalhadores... Hurrah!

Astrojildo Pereira.

Desfecho inevitavel do problema social

Ao entrar na luta...

O advento da revolução russa veiu despertar uma nova confiança nos methodos insurreccionaes, então desacreditados nos meios revolucionarios por um theorismo commodista que deixava á entidades metaphysicas, taes como a fatalidade historica, o trabalho de realizar a transformação social.

Estamos assistindo agora a um despertar de energias latentes que se pôem em acção, pejadas de fé na possibilidade de realizar hoje mesmo a revolução social.

Se este renascimento de forças é portador de esperanças que nos animam á luta, acarreta ao mesmo tempo um estado de espirito cujas consequencias podem ser nefastas.

Na sofreguidão de agir, cooperando com todos os que sinceramente querem a revolução, vamos insensivelmente fazendo concessões, transigindo com os principios que constituem os fundamentos mesmos do nosso ideal.

O espirito de autoridade ganha terreno entre os anarchistas; já ha os que prégam a necessidade da dictadura proletaria, sendo grande o numero dos que reconhecem a contra-gosto a impossibilidade de encaminhar a revolução num sentido anarchico sem usar de meios autoritarios.

Dever-se-ia rir desta mentalidade paradoxal se della não pudessem resultar consequencias graves para o futuro, annullando grande parte do trabalho anterior de propaganda anti-autoritaria e retardando o advento da sociedade anarchica.

E' preciso que cada anarchista ao entrar na luta se courace nos principios eternos do anarchismo, hoje mais fortes do que nunca, pela força dos factos sociaes que os confirmam.

E' preferivel ser vencido materialmente, salvando a pureza dos ideaes, do que vencer transigindo, vencer seguindo uma rota anti-libertaria que conduzirá a qualquer parte menos á Anarchia. Uma victoria assim será uma derrota vergonhosa que nos collocará de novo sob o mando de um outro poder talvez mais execravel que o actual.

Ha entre nós quem sonhe com a conquista dos poderes publicos e a reorganização da vida social orientada de cima pelos novos dirigentes.

Por mais bem orientados que estes o sejam, por mais sinceramente anarchistas que se considerem, hão de agir, pela força das circumstancias, como todos os governantes, entravando a marcha da revolução e criando uma nova forma de estado.

E' bom que se applauda a revolução russa, e que della se tirem todos os estimulos e todos os ensinamentos uteis para a nossa revolução; mas que o enthusiasmo não nos leve a imital-a em seus erros.

Ha na nova organização russa tendencias fortemente autoritarias nascidas de circumstancias do momento que obrigaram os russos a se manter organizados militarmente para combater os inimigos externos e internos. Essa necessidade de defesa levou-os á instituição da dictadura proletaria que deve estar produzindo todas as funestas consequencias proprias de uma dictadura.

Verdade é que, ao lado desses factores autoritarios, ha tambem factores libertarios que impellem a revolução russa para a anarchia, apezar da dictadura do proletariado.

Olhemos para a Russia! Olhemos bem; saibamos ver a verdade e que ella nos sirva agora que se trata de realizar a nossa revolução.

No Brasil o espirito revolucionario já ganhou todas as consciencias sinceras. Sente-se, percebe-se nitidamente um fremito de revolta no ambiente. Talvez amanhã a revolução nos surprehenda, e nós sabemos bem que o rebanho humano ainda confia muito nos pastores para que não siga os primeiros aventureiros que o queiram tosquiar com uma nova tezoura e por outro systema.

Que não sejamos nós os pastores; que se estabeleçam durante a revolução quaesquer formas de governo, mas com o nosso protesto e nunca com o nosso auxilio.

Lembremo-nos de que somos anarchistas e que não queremos ser governados e ainda mais fortemente não queremos governar.

Victor Franco.

EM FRANÇA... E ALGURES

Fanfarronices burguezas

Logo em seguida á assignatura do armisticio como consequencia da revolução allemã e quando os espartacistas, com Liebknecht á frente, se esforçavam por derrubar os actuaes dirigentes germanicos, Poincaré, presidente da Republica Franceza, entrevistado por um jornalista, declarou que a Revolução era uma consequencia da derrota militar e que as nações victoriosas estavam immunes do bacillo bolchevista que atacava os organismos dos paizes vencidos.

Como resposta a estes pruridos egoistas de pensar na submissão eterna dos proprios subditos, mal o sr. Poincaré acabava de expandir juizos tão optimistas a proposito das populações das nações victoriosas, rebentam gréves formidaveis, falando-se em constituição de soviets e de conselhos de operarios e soldados em paizes que ou ganharam a guerra ou se conservaram neutros e com o que nada perderam.

De modo que nunca se viu desmentido mais rapido e completo ás fanfarronices presidenciaes que se arrogam affirmar o desejo pessoal em contraposição com os desejos, necessidades e aspirações collectivas.

E, na França, tambem as coisas não correm de molde com os desejos do seu presidente. Está ainda em vigor a censura, o conselho de guerra funcciona, a liberdade de imprensa só existe para os orgãos de empresas financeiras e industriaes pregarem o odio entre os povos e desdobrarem uma campanha de feroz jacobinismo e de retrogradação, exigindo annexações, indemnizações e a pelle do povo allemão inclusive.

Pois apezar de todas estas restricções ao pensamento e á liberdade dos trabalhadores, vejam o que lá succedeu e que é um facto caracteristico da situação do mundo e da mentalidade operaria.

Os empregados da estrada de ferro Paris-Mediterraneo, como apresentassem á empresa exploradora uma série de reclamações e não recebessem resposta alguma ás suas pretenções, resolveram dar uma demonstração de sua força e cohesão e, num dado dia, a uma hora certa, paralyzar todo o movimento da estrada por um minuto apenas.

E, se bem o pensaram, melhor o realizaram. E assim, num dado momento, com espanto, maravilha e admiração de todos, o serviço da via ferrea paralyzou completamente: os telegraphos deixaram de funccionar; os trens detiveram-se nos pontos onde se achavam, foi suspensa a venda de bilhetes aos passageiros, emfim toda a actividade cessou nos dominios da companhia durante um minuto, findo o qual tudo recomeçou normalmente, como se nada houvesse acontecido.

Os directores da empresa, os governantes e os jornalistas a soldo dos burguezes exploradores, diante desta façanha dos ferroviarios, gritaram por vingança, esganiçaram-se a berrar contra os audazes que se decidiram mostrar dum modo tão significativo o poder da sua força de cohesão, a sua união e o accôrdo das suas resoluções. Para se salvar o decoro da justiça enviaram a conselho de guerra o secretario da federação dos ferroviarios.

Depois, os jornaes inseriram telegrammas referentes ao caso. O conselho de guerra francez condemnou a um anno de prisão o secretario Midol, com a suspensão da pena. Quer dizer, foi condemnado symbolicamente, porque applicar-lhe sentença era um pouco difficil, naturalmente provocaria a greve, não de um minuto, mas de muitos dias, a greve geral e talvez a revolução, porque depois de chegar o fogo ao rastilho ninguem póde prever o resultado da explosão.

Mettel-o na cadeia era um desafio a todo o operariado francez e cuja provocação elle não desdenharia. Para o absolver, como era de justiça, os que o tinham denunciado ficavam em má situação. Assim, salvaram-se todas as apparencias, não houve mortos nem feridos e solucionou-se o caso sem attritos de maior. E' claro que as coisas não tomarão sempre esta feição accommodaticia.

Mas onde eu queria chegar, era dizer que o mundo operario é um vulcão em ebulição e não ha canto do globo que não esteja trabalhado pelas ideias revolucionarias. E as fanfarronices dos dirigentes não valem um tremoço.

Adelino de Pinho.

Aos que recebem "A Plebe"

Nas listas que conseguimos reunir de pessoas que neste vasto paiz têm o espirito balejado pelo ideal redemptor que agita o mundo e á propaganda do qual nós, filhos desta terra ou aqui radicados, dedicamos o melhor do nosso esforço, encontra-se o vosso nome. E' a razão pela qual estaes recebendo *A Plebe*.

Agrada-vos a sua leitura? estaes de accordo com a sua obra? quereis que tambem nesta immensa região da America se apresse a marcha do ideal que ella defende?

Pois, então, assignae-o, e logo que puderdes, já, se fôr possivel, mandae-lhe a modesta importancia de sua assignatura, porque dahi lhe advem a sua condição de vida. Caso contrario, sêde cavalheiro—devolvei-nos immediatamente o jornal. E' insignificante o esforço e nos poupareis gastos e trabalho.

O 5

Não sabem certamente o que é o 5, pois não?

O 5 é o cubiculo aqui defronte, que a administração da casa transformou em sala de espera. Os processados que vêm de fóra, abandonando familia, tecto e lar e que ao saltar dos carros fortes têm visto pela ultima vez a rumorosa civilisação tumultuaria do Rio, não vão immediatamente para as prisões definitivas: ficam engradados no 5, cubiculo triste, sem ar e sem luz. Ahi dormem a noite de chegada.

Desde que estou aqui, na minha casa n. 4 da rua 1, ainda não vi um dia o 5 sem habitantes. Tem-nos sempre: uns dias mais, outros menos; e, note-se: ha quasi tres mezes que móro nesta nova residencia.

Houve uma tarde em que fiquei seriamente admirado pelo numero de habitantes, que o 5 recebera: nada menos de 19. Dezenove! Dezenove homens desconhecidos entre si, comprimidos uns contra os outros, num cubiculo de dez passos de fundo sobre cinco de largo. E ali dormiram, naquella biboca reduzida, sem tarimbas, sem mantas nem esteiras.

Os 19 certamente não perceberam a rudeza e o descaso da administração, que os considerára «coisas», não «pessoas». Quem está acostumado a dormir nas pedras das ruas ou numa soleira de porta, ao relento, como cão sem dono e sem pão, tendo por tecto apenas um pedaço de céo não raro cheio de nuvens pesadas, negras e tempestuosas, ha de considerar muito bom um lugar onde se esteja a salvo de ventos desabridos, de chuvas inclementes e da brutalidade dos guardas nocturnos que, a pontapés, acordam os desgraçados: «Não se dorme na rua, seu patife! Fóra dahi!»

Na manhã seguinte, levantei-me cedo para ver os 19 sahir em busca dos cubiculos da 2.a galeria, onde se amontoam aos 20 e aos 30 em um só aposento.

A chave do guarda volteava duas vezes com força. E elles sahiram um a um, cabeça baixa, famintos, desgrenhados, em farrapos, barbaros, olhares velados ou ferinos, que bem traduziam a tára triste da degenerescencia. Eram velhos e novos, negros, mulatos e brancos; todos, porém, tinham o traço commum da miseria moral e material, e nos olhos sem vida e sem desejos ou no riso alvar e inexpressivo, eu percebia bem fundamente que aquelles homens, que a actual sociedade tornára infelizes, andavam a infelicitar esta mesma sociedade com a nódoa violacea das podridões adquiridas: O que é negativo se destróe por si mesmo...

E lá se foi, escada acima, para o calvario doloroso da inconsciencia, aquella anonyma escumalha de miseraveis, aquella soffredora ralé, que me magoou cruelmente a alma com a visão penosa de suas infelicidades, pompeantes nas alfurjas e nas tabernas, latibulos e enxurdeiros, pilhagens e crápulas...

Não sei porque, versos vigorosos e lapidares de Gomes Leal acodem-me á memoria. São precisamente aquelles em que o grande poéta canta o rugido dos "Presos das minas", annunciando o grande dia da reparação final:

"Nesse dia far-se-hão cruentos sacrificios.
E hão de esconder-se os reis aviltados e pouca terra...
— A Vingança erguerá seu throno aos flagicios,
— A Ira ensopará a esponja dos supplicios,
— E o Odio reinará com seu sceptro de terra.

5—4—919.

Alvaro Palmeira.

("*Do Carcere*", cap. XXI).

"A Plebe" em Coritiba

Acha-se á venda no salão de engraxate da rua 15 de Novembro, 24.

O suffragio universal

Jean Grave definiu o suffragio universal: *esse recrutador de mediocridades*. Essa definição exacta condemna a democracia.

Os inventores dessa burla conheciam bem a massa rude que tinham de engordar e ergueram-n'a a idolo para substituir, na consciencia ludibriada dos escravos, o idolo do poder real de emanação divina. Os opprimidos viam bem os reis devassos, crueis ou mentecaptos e não se conformavam com a theoria que os arvorava em portavozes da Providencia occulta. Era já difficil repetir a farça da escolha de um Saul.

Os escravos queixavam-se dos amos. Houve então alguem, philosophos, pamphletarios, negociantes, que hasteou ás vistas faceis da multidão, outra bandeira revolucionaria, de Liberdade, Egualdade e Fraternidade, á cuja sombra rubra se declamava a *soberania popular*.

"Plebeus, tomae vós mesmos a direcção do mundo! Sêde vós mesmos vossos amos! Viva o suffragio universal!"

E o suffragio universal se alçou como principio da revolução triumphante. A massa contentou-se, submetteu-se á apparencia de sua autonomia. O republicanismo, o parlamentarismo, o systema representativo em summa teve seus apostolos, seus theoristas, seus executores fieis, desafogou um pouco a ancia de rebeldia, e logrou, como resultado principal, illudir o proletariado, dar-lhe a crença de libertação com a velha moeda do suffragio.

"Tens o direito de escolher o teu representante, tens o voto; logo és dono de ti mesmo e do universo. Já tens reis, os nobres ou ricos não poderão decidir nada sem te ouvir; precisam do teu consentimento para prescreverem leis, taxar impostos, fazer guerras. E's cidadão de uma patria livre!"

A taes homens embaidos era azado conduzir e explorar. Logo os argentarios, os doutores, os ex-nobres, os dignitarios do clero e burguezia se apresentaram candidatos á escolha dos novos *homens livres*. Eram os exploradores de hontem que allegavam sua superioridade intellectual, sua influencia protectora, sua força economica e financeira para se tornarem *representantes do povo*.

Dantes eram, arrogantemente, por direito divino, sem *placet* popular, os repartidores da riqueza, os distribuidores do *queijo* classico. Agora não, cederiam a arrogancia, cumpria cortejar a turba dos famintos, solicitar-lhe a annuencia, embora sem lhe dar queijo nem facão. O povo *delegaria* os seus *poderes* e elles, munidos desse diploma, continuariam a distribuição, o talho das fatias como dantes.

Ora, para esse communismo eleitoral, era mister haver, entre os eleitos, certo accordo tacito, um apoio mutuo contra os intrusos, os importunos, os idealistas, os desmancha-prazeres possiveis e indesejaveis. Podiam brigar, podiam discutir, podiam ter idéas, escolas ou partidos, apparentando sempre conformidade plena com a *vontade popular*; não era acceitavel, todavia, alguem que viesse assignalar as extorsões, as artimanhas, os conchavos, as negociatas concebidas e planeadas nos subterraneos dos parlamentos. Guerra, portanto, aos espiritos mais altos, aos sinceros, aos incontaminados, sobretudo aos incontaminaveis. Guerra, com a intriga, o jogo politico, o suborno, a violencia se preciso, mas guerra a todo o transe, a todo o custo.

Assim se perpetuou, no Parlamento, a intriga da côrte herdada do forum ou da ágora. Era a comedia social antiga entre patricios, plebeus e escravos.

O suffragio universal foi um recurso habil da *politicalha*, velha como as eras. E' a garantia da dominação dos menos tolos sobre os mais tolos, dos parasitas sobre os parasitados, com o anniquilamento certo, presupposto, previsto, precalculado de todos os perturbadores do disfarce.

As almas insubmissas hão de ser apeadas; os insubordinados ás chefias hão de ser desaprumados, alijados, depurados.

Quer-se a mediocridade ou menos que a mediocridade, de intelligencia, de capacidade, de caracter.

Renan e Paul Bourget viram essa incompatibilidade entre os homens superiores e a democracia, mas nenhum delles comprehendeu a razão desse divorcio.

Tratando do papel humilhante do politico, diz Renan: "Considerando quão humilhante é o papel do homem politico em épocas como a nossa. Banido das altas regiões do pensamento, desherdado do ideal, passa a vida em labores ingratos e infecundos, preoccupações administrativas, complicações burocraticas, minas e contraminas de intrigas. Póde o philosopho entrar nisso? O politico é o servente da humanidade, não o seu inspirador. Qual o homem amoroso de sua perfeição que se encarcere nesse afogadouro?"

Para elle, quando um povo se agita muito na politiquice é que se degrada nelle o ideal, é que não ha, pairando no alto, um pensamento nobre, um fim mais digno revelado por pensadores dignos.

Então Renan prediz uma revolução geral. Essa revolução, porém, "não virá dos homens de acção, mas dos homens de pensamento e de sentimento", que irromperão contra os corrilhos e as egrejolas, creando a *força nova* destruidora dos "frageis abrigos da politica".

Assim, Renan suppõe que esses politicos dominam por si mesmos, e, não vendo a formidavel base em que se apoiam, crê possivel uma revolução vinda de cima das alturas, de pensamento superior, do poder dos genios.

E por isso fantasia uma sociedade governada pelos espiritos mais altos, uma aristocracia do pensamento, a minoria dos perfeitos, a cujo mando obedecessem commercio e industria, banqueiros e sacerdotes, soldados e operarios. O philosopho não viu que, atraz desses politicos, desses *serventes* da humanidade, estavam os donos da humanidade.

Ha uma grande alma occulta nos parlamentos, a alma-*negocio*, e um grande motor de homens, o dinheiro. Todas as inspirações de cima, todas as aguas santas de philosophia não conseguirão derruir as fortalezas da cidade negra.

Só a analyse minuciosa, pacientissima, dos insurrectos de hoje póde relevar a extensão do accôrdo tacito, das relações subterraneas entre a plutocracia e o Estado, entre a finança e a politica.

Uma dessas interessantes vistas estereoscopicas deu nos Francis Delaisi, pormenorizando os escandalos da casa Krupp. Mostrou, com os documentos mais gritantes, a vasta submissão dos *serventes da humanidade* á serventia da maior casa de armamentos do universo, incluindo o proprio Kaiser, seu accionista.

Mostrou a mesma situação nos demais paizes e é muito eloquente vermos, entre socios ou empregados, de varias fabricas conhecidissimas, nomes tambem conhecidissimos, na politica mundial.

As coisas mais incriveis se nos deparam nesse opusculo escripto antes da guerra e tudo nelle justifica esta conclusão geral do escriptor francez: "As grandes casas metallurgicas, que têm como especialidade o fabrico das machinas de guerra, dedicam-se a corromper systematicamente os altos funccionarios responsaveis pela defesa nacional, excitam facilmente, com o auxilio da imprensa, a opinião publica, fazem pressão sobre os parlamentos, afim de lhes arrancar os creditos necessarios para lucrativas encommendas e, manejando o patriotismo como uma machina de cunhar moeda, aggravam o odioso regimem da *paz armada*, quando não desencadeam sangrentos conflictos".

Que fazer, nesse caso, do projecto aristocratico de Renan?

Paul Bourget, por seu turno, escreve: "Não se exige grande vigor de analyse para reconhecer que o suffragio universal é francamente hostil ao homem superior".

E, assignalando a inconformidade dos habitos democraticos e das leis com o desenvolvimento e a acção dos espiritos eleitos, escreve: "E' assim que muitos espiritos distinctos da França contemporanea se viram excluidos do recrutamento governamental, ou, se triumpharam do ostracismo a que os condemnava sua antipathia e ás paixões communs, foi, precisamente, dissimulando essa antipathia e enclausurando-se em profissões de fé desprovidas de alta imparcialidade intellectual".

Em summa, significa tudo que a democracia de hoje procede como a grega no ostracismo dos superiores; apenas o processo actual é hypocrita, mesquinho, pequenino, villão. Os gregos accusavam directamente e exilavam directamente. Hoje se desterram os melhores sorrateiramente. Aos exilados resta apenas essa *melancholia*, do que fala Paul Bourget, reaggravada pelo espectaculo do *triumpho insolente dos mediocres*.

E' que os mediocres são tutores mais faceis de manejar pelos empresarios do theatrinho de fantoches a que se reduz tragicamente a *civilização* dos plutocratas, civilização villã do suffragio universal.

José Oiticica.

ÉCOS DO 18 DE NOVEMBRO

Os nossos companheiros foram libertados

Terça-feira á noite um telegramma laconico, quando em nossa tenda rebelde davamos a ultima demão a este numero, compillado ás pessoas, saccudiu-nos a todos com uma emocionante noticia: os nossos camaradas presos desde novembro haviam sido postos em liberdade!

Pela manhã do dia seguinte traz-nos o nocturno do Rio a confirmação do facto que nos encheu de indizivel regosijo.

Astrogildo Pereira, momentos após á sua libertação e de novo na estacada, escreveu-nos o seguinte bilhete:

«Amigos: Eis a grande nova — este bilhete e o final do artiguete junto estão sendo escriptos na séde dos tecelões. Estamos na rua... E' verdade: o juiz reformou a sentença e despronunciou-nos a todos. Hurrah!

E agora, ás contas com o Aurelinoff. — Abraços!»

Com o bom Jildo exclamamos: hurrah! repetindo por este meio o abraço transmittido pelo telegrapho aos bravos camaradas.

Não nos deteremos em considerações. A historia de todas as miserias aurilianofilas vae ser contada por Astrogildo Pereira.

E agora, camaradas libertados: Saúde e Anarchia!

O 1.º de Maio

IMPONENTE COMMEMORAÇÃO

Realizar-se-ão varios comicios

Tudo faz prever que a commemoração do 1.o de Maio se revestirá este anno de excepcional imponencia.

O "comité" constituido pelos representantes das associações obreiras, grupos sociaes e editores dos jornaes da Vanguarda está trabalhando activamente, reunindo-se constantemente, já tendo distribuido muitos milhares do manifesto publicado em outra parte do jornal.

Nota-se grande animação no seio do operariado, sendo de esperar que a paralysação do trabalho será grande no dia consagrado á manifestação universal da classe trabalhadora.

Está decidido que será realizado um grande comicio geral no Largo da Sé, ás 2 horas da tarde, antecedido de "meetings", por volta do meio dia, nos bairros do Braz, Moóca, Cambucy e Bom Retiro, devendo os manifestantes virem encorporados para o comicio do centro, ao terminar o qual se fará uma passeata pelo triangulo.

Para boa ordem da manifestação, o "comité" resolveu que em todos os comicios sómente falarão os oradores previamente designados.

Vai ser distribuido pelo "comité" um outro boletim indicando os lugares e a hora exacta em que se realizarão os comicios.

Além dos comicios annunciados para o centro e arrabaldes, serão realizados outros, pela manhã, em S. Bernardo, Ribeirão Pires, Colia, Lageado, São Caetano, Lapa, etc.

Afim de ultimar os trabalhos preparatorios da manifestação, realiza-se amanhã, domingo, ás 7 1|2 horas da noite, na séde da Liga dos Padeiros e Confeiteiros, á rua Senador Queiroz, 70, uma reunião dos representantes e commissões administrativas de todas as sociedades operarias e grupos e de todos os trabalhadores que se interessem pelo exito da manifestação de 1.o de Maio.

No Interior

Em varias cidades do interior serão realizadas reuniões e passeatas de propaganda, estando sendo distribuidos boletins nesse sentido.

Em Campinas

A Liga Operaria realizará uma grande reunião em sua séde social, para a qual convida o operariado em geral.

E' necessario que o proletariado campineiro demonstre a virilidade de sua consciencia, não faltando a essa assembléia popular.

Com antecedencia esta Liga fará distribuir um boletim pela cidade expondo as actuaes condições do operariado e os meios praticos para a sua breve emancipação social.

Operarios! Deixae o trabalho em 1.o de Maio e comparecei em massa na séde da Liga Operaria!

No Rio

Na capital da Republica a commemoração do 1.o de Maio terá uma imponencia nunca vista. A paralyzação do trabalho será generalizada.

Pelo mundo

De toda a parte o telegrapho communica que o proletariado se apresta a demonstrar a sua força paralyzando totalmente o trabalho durante 24 horas e realizando manifestações collossaes.

Farpeando

Se, decidindo-me á procura de um professor habilitado a trabalhar pelo reerguimento da nacionalidade ou pela educação civica do nosso povo, me propuzesse escolher entre o Ruy e o "homem do assobio", sem perda de tempo, na certeza absoluta de salvar a patria, eu daria logo e com enthusiasmo o meu voto ao "homem do assobio"...

Porque, em materia de ensino, eu sou pelo methodo inductivo. O velho systema que faz do alumno um grammophone, por sua natureza estafante, applicado ás conferencias do sr. Ruy, seria o cumulo dos desastres...

— Mas, quem é esse "homem do assobio"?

— Como?! Haverá alguem em São Paulo, nesta grande metropole que se civiliza cada dia mais, existirá alguma pessoa que não conheça o infeliz que faz o "triangulo" horas inteiras, sempre assobiando, monotona, persistente, irritantemente? Não: é impossivel; talvez haja quem ignore a sua historia, isto é, peço mil desculpas, a historia do assobio; porque o assobio é tudo e o homem... um pobre diabo qualquer, que foi á guerra, que lá não morreu, sem saber como, da morte dos herоes e que de lá voltou... assobiando! Historia simples e, como tudo o que é simples, tragicamente humana. Vou contal-a.

Saibam, portanto, os senhores, que este sujeito que percorre o "triangulo", de cartola lustrosa e de frack, traz grudados nas costas, no peito, no chapeu, e, ás vezes, bem perto das nadegas—riam...os allemães sem escrupulos, pois o homem fez parte do exercito inimigo — pequenos cartazes, reclamos de coisas que precisam de reclamo para serem vendidas, é um, como tive a honra de vos dizer, dos que voltaram da guerra, coberto de glorias e de outros parasitas. E o assobio que todo o santo dia o faz estirar os labios, o "tic" nervoso do assobio que o distingue e que constitue hoje o seu ganha-pão, é uma recordação de guerra, a sua unica recordação de guerra.

Durante longos mezes no fundo das trincheiras, acocorado no esterco, no sangue e na lama, elle ouvia todos os dias, todas as noites, aquelle sibilar continuo, monotono, irritante... Eram os projectis que passavam no alto, sobre a sua cabeça. Não os via, mas os ouvia chegar de longe. Passavam sibilando, assim... assobiando a melodia da morte. E aquelle assobio, lentamente, dia a dia, noite a noite, lhe entrou nos ouvidos, penetrou-lhe nas carnes, ficou sendo o rythmo de seus nervos.

A guerra...

O que elle, o pobre diabo, conta da guerra é pouca coisa. Nem se lembra se matou com o heroismo proprio de um patriota sincero. Matou? E' possivel. A gente mata sem o saber e morre da mesma forma. A's vezes, passa uma bala e leva comsigo um braço; outras, uma cabeça... E' a guerra. O rei, a patria, as bandeiras, as musicas, as fanfarras, o ataque ás posições inimigas... coisas fantasmagoricas. De real na guerra não ha senão o assobio; aquelle assobio continuo, monotono, irritante...

Nos primeiros dias depois de sua volta, o homem andou percorrendo a cidade e os arrabaldes assobiando por sua propria conta. A gente parava. Uns lhe pediam noticias, outros, por gratidão, o convidavam a esvasiar um calice de canninha. O homem contava, bebia e voltava a assobiar. Depois alguem teve a idéa genial de aproveitar-se delle, isto é, do seu assobio.

O que distingue a nossa sociedade, a sociedade burgueza, é a sua capacidade commercial em se aproveitar de tudo.

Vestiram torpemente o nosso homem com roupa de graúdo. Fizeram delle um palhaço aristocratico e mandaram-n'o percorrer as ruas, coberto de cartazes: "tilibam... isto"; "fumem aquillo!"

E a gente pára, lê e escuta o assobio das trincheiras.

Porém, observei hontem, o homem do assobio está em decadencia. Os ouvidos vão se acostumando.

Ha quem pergunte: "Aquillo é o sibilar das balas?"

E ha quem responda: "Na verdade... nada de extraordinario!"

Nada de extraordinario?

Melhor assim!... melhor assim!...

A educação civica vae-se fazendo pelos ouvidos e por meio do assobio das trincheiras.

SIMPLICIO.

A PROPOSITO DAS ELEIÇÕES

Os fins justificam os meios...

Indiscutivelmente, é preciso ter muita coragem para enfrentar tanto cabotino de ideias e tanto velhaco de systemas que dominam na politica ou aspiram a tal.

A politica, actualmente, reduz-se a uma especie de compra e venda a um leilão, onde tudo se põe em almoéda, sacrificando até a honra para lograr o proposito.

Enriquecer! Eis o objectivo de todos quantos se incorporaram á politica de 89 para cá. O modo, pouco importa. E' preciso mudar de ideias todas as semanas? Pois muda-se. E' preciso rojar-se pelo chão? Imitam-se os reptis. E' indispensavel prostituir-se? Pois deixam-se boquiabertas as proprias rameiras...

E quem assim não proceder é tolo. A sciencia de viver (hoje ao roubo chama-se sciencia...) consiste em não carecer de nada, mesmo de vergonha.

Aquelle que tem uma penna para vender, passa-a a cobre; uma palavra para alugar, aluga-a; um prestigio para explorar, explora-o. E ai daquelle que o critique ou censure! Para que ha tribunaes nesta terra sinão para metter na cadeia os calumniadores que digam a verdade? Não tivemos o exemplo com o Edgard, o Nereu Pestana e ultimamente o Subiroff?

E assim é que todo o mundo em S. Paulo aponta a dedo o E., que não tinha dois vintens antes de ser secretario do governo e é hoje um dos grandes accionistas de lucrativas emprezas; o C., que na advocacia administrativa ganhou uma fortuna; o L., que associou uma empreza de que era presidente ao governo, usufruindo do lucro alguns milhares de contos; o D., que possue centenas de casas com o producto das suas rapinagens; o A., que vive na opulencia mercê da porcentagem que sabe subtrahir das centenas de funccionarios que estão sob suas ordens; o V., que chegou a ser prohomem aproveitando como escada o leito adultero; o J., advogado sem clientela e que ninguem sabe ao certo como chegou a ficar rico, etc., etc.

E, apesar de serem apontados, esses cavalheiros gosam de influencia e poder sufficiente para metter no "xilindró" o deslinguado que tenha o atrevimento de pôr em duvida o seu patriotismo, a sua abnegação, o seu desinteresse e as suas virtudes.

A culpa, afinal, não é delles. E' da sociedade que transige publicamente com as infamias que em segredo condemna; é dos que não recusam a mão a todos esses patifes que, proclamando que a politica não tem consciencia, a todos vão pervertendo; é, emfim, dos votantes, que por indifferença, interesse ou covardia empunham uma cedula em lugar de empunhar um latego e expulsar do governo esses miseraveis vendilhões.

Por isso, hoje, o zé-povinho, cansado de tantos dolos, já não vota, nem se impressiona com a panacéa eleitoral. Quer factos concretos. A surpreza, sem duvida, será grande quando, em vez de eleitores, esses figurões vejam em sua frente as phalanges dos ex-carneiros que lhes irão pedir contas...

O dia talvez não tarde...

Everardo Dias.

OS INTELLECTUAES

Poetas, jornalistas, prosadores, todos emfim que se julgam mais ou menos intellectuaes, nesta terra de muita prosa e de muita poesia, são anti-bolshevistas. E o são não porque lhe conheçam o programma, porque lhe tenham apreciado o movimento ou criticado o regimen. Sem opinião propria, sem attitudes originaes, sem estudos serios, desconhecendo até a etymologia da palavra bolshevikismo ou maximalismo, o intellectual indigena, incapaz de raciocinar por si, engole, com uma candura de simplorio, todas as enormidades que a imprensa burgueza vomita contra o regimen novo. Mystificados pela imprensa, enganados pelo Ruy que, em todos os seus discursos, se refere com desprezo e indignação á revolução russa, os intellectuaes nem ao menos, por curiosidade, procuram saber, em summa, o que vem a ser o tão detestado regimen. E, como anti-bolshevistas, acceitam as maiores patranhas, os mais descabellados disparates, como verdades indiscutiveis.

A' noute, é para admirar, principalmente, essas rodinhas de poetas que se formam á portas dos cafés onde se babam, enlevados, em discussões intermінaveis sobre as futilidades da Forma, sobre as torturas do Metro; emquanto lá embaixo, na caçapa da Europa, as revoluções rebentam furiosas e vingadoras; emquanto pela Allemanha, pela Russia, pela Hungria, surge do solo ainda quente do sangue e do fogo, essa primavera explendida de ideias que a mocidade daqui não comprehende e despreza.

Mas vá a gente criticar a esses intellectuaes a indifferença criminosa de que se orgulham. Vá a gente dizer-lhes: emquanto sonhaes nas vossas torres de luar, burilando phrases preciosas, sonoros periodos; emquanto cantaes soffrimentos inventados, amores inexistentes, dores imaginarias; emquanto viveis no mundo vasio das illusões, ao vosso lado, o burguez ganancioso e boçal, alliado ao Estado corrupto e corruptor, temendo que conheçais a Verdade, vos engana de uma maneira grosseira e torpe sobre a verdadeiro sentido da Revolução Maximalista.

Os mais pretenciosos, os mais ruystas, dão de hombros ou nos voltam as costas desdenhosos. E os super-pretenciosos desandam em catilinarias boçaes contra o que elles menos entendem. Como os patos de que falla Zola, em se tratando do bolshevismo, todos seguem as pegadas do Ruy, deitando os bicos para a direita ou para a esquerda conforme o Mestre, na frente, vai movendo o seu.

Quando foi da conflagração, Ruy pregou o odio á Allemanha, e o intellectual daqui, mais rubro do que o francez, proclamou o seu odio ao feio boche. Hoje, influenciado pela burguezia de todo o mundo, Ruy prega o odio á Russia, e o intellectual brasileiro, como o ultimo dos reaccionarios, inconsciente, expectora escarros sobre o socialismo.

Ah, os intellectuaes! Para elles, Lenine é ainda um trahidor que vendeu sua patria aos allemães; para elles, a burguezia alliada continua sempre a defender os principios sagrados do Direito e da Justiça, embora envie tropas contra a Russia; para elles, os alliados burguezes fizeram guerra ao imperialismo prussiano, sem espirito de conquista, embora a França, depois de Alsacia e Lorena, queira annexar o Rheno e a bacia do Sarre; para elles, os alliados são os campeões da Liberdade, embora a Inglaterra continue escravisando a Irlanda, o Egypto, as Indias; para elles, os alliados fizeram a guerra para acabar com as guerras, embora a Liga das Nações, no fundo, não passe de uma suja alliança de Estados imperialistas, organisados para a rapina e a violencia; para elles, os alliados são os anjos da guarda da civilisação, embora esses anjos, juntamente com os Imperios Centraes, tenham quasi destruido a civilisação e o mundo...

Poucos, pouquissimos, comprehendem o grandeza formidavel da Revolução maximalista. Entre os intellectuaes de nomeada, até agora, só Oiticica, o grande Oiticica, comprehendeu e prégou, heroico, a Verdade nova. Deportado, perseguido por um governo insolente e burguez, nenhuma voz se levantou no mundo litterario

para protestar em nome, ao menos, da liberdade do pensamento!

Intellectuaes, despertai vos! Não tarda o momento em que a bandeira dos soviets, essa bandeira que tem uma espiga e uma foice, como symbolos de abundancia e trabalho, será desfraldada em toda a parte, marcando o fim multi-secular da burguezia, o fim da exploração do homem pelo homem, o fim de todas as injustiças, de todas as miserias de uma civilisação podre, de um mundo que se desmancha ao peso das proprias iniquidades.

OCTAVIO.

«A Plebe» em Cataguazes

E' encontrada na Agencia do sr. Fenelon Barbosa.

O n. de 1.o de Maio d'"A Plebe"

O numero d'*A Plebe* correspondente ao proximo sabbado apparecerá com antecipação de dois dias, isto é, a 1.o de Maio, trazendo em toda a primeira pagina uma bellissima allegoria do companheiro Ranzenigo allusiva á revolução communista que, partindo da Russia, está avassalando a Europa.

Esse numero conterá tambem um esboço de programma communista apresentando a perspectiva detalhada da completa reconstituição da Sociedade.

Augmentaremos consideravelmente a tiragem para fazer face aos pedidos.

Agora uma recommendação: Fizemos despesas enormes que devem ser cobertas immediatamente. Precisamos, pois, que os amigos e camaradas remettam já e já as suas contribuições de assignaturas e pacotes.

Ruy Barbosa e a Questão Social

Refutação do Partido Communista

O QUE DISSE O CAMARADA URICH AVILA

Camaradas:

Outro, que não eu, dos nossos camaradas, aqui devia estar deante de vós, para responder ao nosso venerando adversario, sr. Ruy Barbosa, que, pela primeira vez notando que ha no Brazil operarios, dedicou-lhes uma longa conferencia.

Sem falsa modestia, eu vos asseguro que me sinto vacillante neste posto da vanguarda, que me não cabia, não só pelo precario estado de minha saude, mas principalmente pelos poucos recursos oratorios de que disponho — affeito que não estou ás lides tribunicias. Peço-vos, pois, desculpeis a minha audacia, arrojo que levareis a debito dos nossos inimigos. Dos nossos inimigos, sim, que ha quatro longos mezes conservam sob ferros tantos dos nossos melhores combatentes, forçando ao exilio outros, os que lograram escapar ás suas farias. Por estas palavras, camaradas, já percebestes, de certo, onde quero chegar. E eu julgo mesmo traduzir o vosso pensamento, lamentando a ausencia, nesta tribuna, de um destes quatro nomes, hoje sagrados pelo martyrio: Oiticica, Astrogildo, Palmeira e Carlos Dias.

A esses sim, a qualquer delles facil seria a tarefa de reduzir a pó toda essa monumental construcção de phrases bellissimas e falazes promessas, esplendidamente illuminada, com que busca deslumbrar as victimas da burguezia, esse velho apostolo das liberdades legaes, ou seja essa dictadura burgueza. Eis, camaradas, explicado, porque aqui me vêdes, porque vou, talvez, importunar-vos.

Em nome do Partido Communista do Brazil é que eu vos dirijo a palavra, para advertir-vos, para pôr-vos de guarda contra o canto das sereias, contra as presas das aguias altaneiras. Conseguirei o meu intento? Ajudae-me com a vossa benevola sympathia.

Camaradas:

Presumis, de certo, e com razão, que eu não pretendo fazer a critica literaria desse maravilhoso discurso de Ruy Barbosa, para o que — excusa dizel-o — me fallece de todo em todo a competencia. Tampouco me occuparei da parte politica, onde, a meu ver, a sua critica foi magistral, só lhe faltando para ser rigorosamente justa, a inclusão do nome de s. exa. entre os culpados, por acção e omissão, desse innominavel descalabro. Se chegamos a tal situação, não foi só porque os politicos postergassem as leis da Republica, mas tambem porque a Republica mesma não presta, segundo se deprehende de varios trechos daquelle libello, e todos nós estamos fartos de saber. Ora, fartos tambem estamos de ouvir que o sr. Ruy é um dos seus principaes autores, o constructor-chefe desse mecanismo que nos tortura, logo...

Mas deixemos a apuração das responsabilidades pessoaes aos juristas e theologos. Como determinista convicto, não lhe dou importancia.

Tambem não faço opposição politica ao «candidato nacional». Ruy ou Epitacio, Epitacio ou Ruy, para nós revolucionarios sociaes, a chapa é uma só. (E' claro que só poderemos desejar que ao Catette não eleve mais ninguem, esta falsa democracia de farçantes.)

Entremos, pois, na estrada cheia de tropeços e que mais nos attrae a attenção: a questão social.

Antes, porém, dos primeiros passos nesse terreno, eu pergunto: — essa foi, realmente, a questão debatida pelo sabio orador e cuja solução prometteu em formidavel discurso?

Eu penso que não. O grande artista só veiu ao encontro da nossa expectativa ao traçejar o sombrio quadro das desegualdades sociaes, esse contraste monstruoso entre a opulencia afrontosa dos gozadores, entre as delicias da vida nos palacios, e a inaudita miseria daquelles que trabalham — esse vegetar torturante, esse doloroso suicidio lento, no negror dos cortiços e pocilgas.

Mas — contradicção personificada — s. exa., que, citando as palavras do cardeal Mercier, nos accusa, a nós «socialistas devastadores», de rebaixarmos a questão social «a uma simples luta de appetites» com o que animamos os que de menos nobre ha no coração do homem», — s. exa. é quem realmente o faz, pois reduz o vasto problema geral da vida em sociedade, ás proporções de um de seus aspectos, ou seja a particular questão trabalhista, tal como a entendem todos os conservadores.

E é ainda esse incomparavel sociologo quem, por esse modo e pelos palliativos que receita como solução, procura perpetuar os males humanos, pr

intenta conservar o antagonismo de classes, que finge tanto deplorar.

Mas é lamentavel, camaradas, a leviandade desse moderno Salomão, todas as vezes que se mette a falar de socialismo.

O divino tagarella condemna fulminantemente doutrinas que absolutamente não conhece, formula juizos temerarios a nosso respeito de suppostas intenções nossas, que nunca manifestamos, que nunca poderiamos manifestar!

Quereis um exemplo? Ahi vae. Servindo-se ainda das palavras do nosso inimigo, o prelado belga, e referindo-se naturalmente aos libertarios, diz o infallivel apostolo da verdade e da justiça que nós intentamos «dar por solução ao problema social o antagonismo das classes». Notae bem, camaradas, a falsidade dessa proposição. Em tão poucas palavras, um grave erro de apreciação e uma injustiça grave.

O antagonismo de classe, infelizmente, existe, sim, e delle nos servimos como argumento valioso. Mas existe, não porque o promovamos ou suscitemos, senão que surgiu com essa mesma organisação que s. exa. quer conservar. Existe a luta de classes, como a luta entre individuos, porque existe o sr. conselheiro e senador Ruy Barbosa com todo esse immenso capital de saber e honrarias, dinheiro e privilegios, frente a frente ao mendigo, andrajoso, analphabeto, faminto e escorraçado...

O que nós fazemos é denunciar esse crime nefando, é pôr a nu essas chagas monstruosas e apontar-lhes remedio efficaz, a cura radical. O que nós buscamos é concitar as victimas á revolta contra esse inhumano, esse mortifero estado social. Mas a revolta e o meio de que nos servimos para chegar ao fim — e não o proprio fim, como pensa o illuminado cégo ou hypocrita. O fim por nós visado não é a luta das classes, mas a suppressão de classes, a sua fusão; não é a guerra entre homens, senão a sua fraternisação. E a essa solidariedade — não só dos habitantes de nossa terra, mas de todas as raças civilisadas — a solidariedade universal dos povos, nós havemos de chegar, queiram ou não queiram as aguias do nacionalismo, commodamente empoleiradas nesse edificio vacillante, prestes a ruir como o "ruysmo".

Eu quizera aqui denunciar outras falsas imputações de s. ex. ao socialismo, poderia desde já demonstrar que esse illustre sabichão não percebe a differença entre socialismo de Estado e socialismo libertario, baralhando tudo numa pavorosa confusão... Supponho, todavia, não ser necessario, porque á medida que formos eu e os oradores que me seguirem, analysando os seus principaes "cochilos", os meus ouvintes ficarão inteirados do que lhes pudesse antecipar.

(*Segue no proximo numero*).

Festa de propaganda Pró-"A Plebe" e pró-presos
por questões sociaes

No dia 30 do corrente, no salão CELSO GARCIA

Promovida pelo Grupo "OS SEMEADORES"

PROGRAMMA

I — Hymno dos Trabalhadores, pela orchestra;

II — *1.o de Maio*, bella peça social em 1 acto, em hespanhol, do inesquecivel camarada Pedro Gori;

III — Conferencia sobre a Questão Social;

IV — *Arlequin el Selvage*, excellente drama social em 3 actos, em hespanhol;

V — Kermesse e baile.

Aos camaradas e amigos de S. Paulo e do interior pedem-se prendas para a kermesse, que deverão ser remettidas ou entregues em nossa redacção, á rua 15 de Novembro, 18, 1.o andar, até o dia 28 do corrente.

Os bilhetes são encontrados em nossa redacção e com os camaradas do GRUPO "OS SEMEADORES".

Convenio entre os Canteiros do Estado de S. Paulo

No domingo, presentes os delegados da União dos Canteiros de Cotia, dos Syndicatos dos Canteiros de Ribeirão Pires, Lageado e Santos, effectuou-se em S. Paulo uma reunião para tratar das questões de interesse mais transcedente para a classe, como tambem da propaganda em geral.

Foi primeiramente submettido á apreciação da assembléa o alvitre proposto pelos canteiros de Cotia que consiste em fazer reapparecer o orgão da classe intitulado—«O Canteiro». Apos breves considerações acerca do contributo monetario que cada uma dessas agrupações deve dispender, approvou-se por unanimidade o referido alvitre em razão do qual aquelle collega será publicado uma vez por mez.

Os delegados santistas demonstraram a urgencia para reactivar na cidade maritima a propaganda obreira, pois que os canteiros se encontram actualmente á mercê da expoliação capitalista, roubados, por conseguinte, nos seus salarios, duma forma revoltante.

O caso do companheiro Manoel Carvalho, preso por ter, corajosamente, repellido a tiro uma affronta desse genero, deve ser ponderado por todos. Attendendo este apello, julgado da maxima importancia pelos delegados, impõe-se o dever ás agrupações de se interessarem para que seja prestado ao mesmo companheiro todo o auxilio possivel.

Os delegados de R. Pires propuzeram que se mandem commissões de companheiros ás pedreiras de Perús, Itaquera e demais localidades onde os pagamentos são effectuados cada anno e os operarios são constrangidos a fazer suas compras nos armazens dos patrões pagando pelo triplo do valor os generos de primeira necessidade.

Ficou estabelecido enviar ali, quanto antes, uma commissão, a qual será nomeada na primeira reunião geral dos syndicatos.

Discutiu-se em seguida uma proposta dos delegados de R. Pires e dos de Santos no sentido de ser feito todo o empenho para conseguir-se a organização dos trabalhadores das outras classes, sendo resolvido levar ao conhecimento das entidades organizadas de cada parte a conveniencia que nos traria se alcansassemos, com a união, a solidariedade de todos os parias do trabalho.

Travou-se por ultimo animada discussão sobre a utilidade de optar um estatuto para os canteiros em geral, mas nada poude ser deliberado em definitivo.

União da Construcção Civil

Amanhã, ás 8 horas da manhã, haverá á rua Florencio de Abreu, no salão Italia-Fausta, mais uma reunião geral da classe da construcção civil, para a qual são convidados todos os socios e não socios.

Em ninguem falte, pois. O momento impõe a maxima solidariedade e é com actos, não com palavras, que se consegue a reivindicação dos nossos direitos.

Uma greve parcial da União dos Chapeleiros

Em virtude de ter o gerente da fabrica Pinto Villela responsabilisado um operario pelo prejuizo dum chapeu que appareceu defeituoso, declarou-se na quarta-feira uma greve parcial no mesmo estabelecimento, a qual parece encaminhar-se para uma solução honrosa devido á cohesão, á solidariedade e á energia dos companheiros paredistas.

De ha muito que violencias e abusos desse jaez eram vulgares na fabrica Villela. O gerente, com o seu feitio despotico e escravocrata, sempre que podia roubava os operarios, chegando até a exigir delles obra ultra perfeita e maravilhosa por meio de materiaes ordinarios e desvalorisados. E quanto mais ia, o hominho mais insistia em fazer cahir sobre os trabalhadores a sua mão de ferro...

Pois agora que o «gado lhe sahiu mosqueiro», cumpre aos companheiros grevistas reagir efficazmente até á victoria completa, de modo a manietar duma vez por todas o repugnante negreiro que está á frente da fabrica Pinto Villela. Nada de transigir com sicarios, nada de contemporisar com bandidos. Acção directa e revolucionaria — eis o que é preciso. O resto virá com relativa facilidade...

Convem esclarecer que não tratamos hoje mais desenvolvidamente deste assumpto por absoluta falta de espaço. No proximo numero a elle nos referiremos como é mister.

União das Costureiras

Sob os auspicios desta novel organisação obreira, acha-se em greve, desde ha dias, o pessoal [illegible] Casa Orlando, á rua Direita.

Deu origem ao confli[illegible]o excesso de horas de trabalho a que as costureiras eram obrigadas, a continuidade de serões prolongados sem a correspondente remuneração e o não reconhecimento da União por parte do industrial escravizador.

Sendo condição imprescindivel de victoria a maxima união e solidariedade, é de esperar que os paredistas levem a bom termo o seu gesto de reivindicação, mantendo-se intransigentes e cohesas até final.

Para tratar do assumpto, a União das Costureiras reunirá ás 19 horas de amanhã, na rua da Quitanda, n. 4, e disso faz sciente, por nosso intermedio, a todas as suas associadas.

A proposito, devemos declarar que a referida sociedade resolveu adherir á commemoração do 1.o de Maio, não comparecendo ao trabalho nesse dia.

Que bello exemplo, o das moças costureiras! Nelle se devem rever outras agremiações de salariados...

União Geral dos Operarios Metallurgicos

Tambem ás 9 horas da manhã se reunirão, amanhã, na rua Senador Queiroz, 70, os operarios pertencentes aos varios ramos da metallurgica.

Espera-se que haja uma concorrencia extraordinaria, visto tratar-se da organização da respectiva associação de classe, hoje uma das mais exploradas e opprimidas desta capital.

Metallurgicos! E' chegada a hora de defenderdes os vossos interesses. Uni vos, associae-vos para serdes fortes. Formae um bloco, um corpo unico e sereis invenciveis!

Sociedade Internacional dos Empregados em bars, restaurants, etc.

Effectuou-se terça-feira uma bem concorrida assembléa de socios e não socios desta organização obreira. O fim era tratar da questão de Poços de Caldas, pois os garçons, cosinheiros e demais empregados dos hoteis da grande empreza local haviam solicitado a sua solidariedade.

A discussão decorreu animada, fazendo uso da palavra varios oradores, que escalpellisaram a exploração e a tyrannia de que é victima a sua classe e opinaram pela boycottagem á referida empreza.

Resolveu-se que dóra avante não irá ninguem trabalhar para Poços de Caldas senão mediante condições impostas pela Internacional e depois de lavrados legalmente os competentes contractos. Nesse sentido vae ser officiado á empreza e a todas as sociedades de trabalhadores da mesa e cosinha.

União dos Empregados em Padarias

Realiza-se hoje, ás 20 horas, no salão Celso Garcia, um festival promovido pelos companheiros vendedores de pão em beneficio dos seus cofres sociaes.

Para esse fim foi organizado um variado programma de que constam numeros de absoluta sensação, taes como: representação dum emocionante drama, recitações, conferencia, kermesse e baile familiar.

Cada ingresso, que custa 2$500, dá direito á entrada gratuita das pessoas do sexo feminino que acompanharem os espectadores.

NO RIO

Aos marmoristas

Companheiros! O 1.o de Maio está á porta! Chamam-nos á rua os nossos deveres de trabalhadores conscientes dos seus direitos e revoltados contra a exploração de que somos victimas!

Camaradas!—O 1.o de Maio, para os trabalhadores em geral, constitue uma data historica, pois lembra todo o horror da carnificina commettida contra os nossos companheiros de Chicago em 1886!

Para nós, em particular, lembra a realização do nosso desiderato, em 1912, isto é, a consecução dos vinte minutos que nos faltavam para completar a jornada das 8 horas de trabalho. Por esse motivo nos devemos rejubilar, mas de fórma a não olvidarmos que as victimas dos tyrannos da America do Norte tombaram combatendo em pról das 8 horas, foram, portanto, nossos predecessores.

Por consequencia, nada de festas, ao contrario, devemos, cheios de justa indignação, ir á praça publica protestar mais uma vez contra tão monstruoso crime e deixar bem patente a nossa intenção de vingarmos mais tarde ou mais cedo aquelles infelizes camaradas martyres do Ideal que nós, os marmoristas, gosamos,—que é o dia de 8 horas.

A' rua, companheiros! Mostremos á essa corja deshumana que somos homens e que o dia do nosso ajuste de contas já vem demasiado perto para que se possam furtar ao justo castigo de que se fizeram merecedores pelas multas infamias que praticaram contra os trabalhadores.

A' rua, pois! e mostremos que jamais nos esqueceremos de tantas iniquidades e que na primeira occasião far-lhe-emos pagar com lingua de palmo!

Minervino de Oliveira.

A farça da Conferencia da Paz

Era previsto: a grotesca Conferencia da Paz deu em agua de barrella, o mesmo succedendo ao seu appendice a Sociedade das Nações.

Deu-se o estouro da boiada, ou, melhor, a alcateia dos lobos esfamados da burguezia desatou ás dentadas.

Na disputa do «botim», aguçaram-se os appetites e o rolo rompeu formidavel. Os emissarios das varias nações retiraram-se, desfazendo assim a santa alliança do burguezismo.

Tanto melhor. Já o dissemos: a paz só será firmada entre os povos revoltados e não pelos seus tyrannos.

Espectaculo de propaganda no Rio

Promovido pelo machinista theatral Francisco Rocha, a Companhia Dramatica Nacional Italia Fausto, que trabalha no Theatro Recreio no Rio, realizará no dia 1.o de Maio um espectaculo de propaganda dedicado á classe trabalhadora.

Do seu programma consta a representação do drama social *João José*, *A Internacional*, cantadas por um grupo de meninas, uma conferencia do dr. Nicanor do Nascimento e uma apotheose ao Trabalho.

O NORTE REBELDE

Desenvolve-se a propaganda libertaria

Um punhado de notas interessantes

Noticias ultimamente chegadas do norte do paiz dão interessantes informes ácerca do chamado "movimento maximalista", de que, ha pouco, se occupou o telegrapho.

Principalmente em Alagôas, a situação do proletariado é a peior possivel. Em Cachoeira, em Rio Largo, em Fernão Velho, na Camboua, em São Miguel de Campos, no Pilar, por todos os demais centros fabris o typo do operario inspira lastima e revolta a todos que o vejam.

O tal "complot" da policia

Com grande espalhafato, a policia alagoana proclamou aos quatro ventos da terra do Cruzeiro ter descoberto um "complot" maximalista em Maceió, indicando como ponto de reunião dos conspiradores uma rua escusa daquella cidade nortista. (Um "complot" em uma rua escusa não sae obra completa...).

Apontado como presidente do "soviet", foi preso o operario Pedro Codá conjunctamente outras pessoas foram dadas como participantes do mesmo.

Começou então a gente da policia a invadir casas e a remexer os papeis que encontrava.

Uma carta assignada por qualquer mortal, se não estava redigida em termos bem claros, era o necessario para chamar á delegacia o signatario da mesma.

Uma prova esmagadora descoberta pelos policiaes *aguias*: foi notado que operarios victimas da violencia apontada guardavam recortes de artigos de Octavio Brandão.

Um propagandista que preoccupa os dominantes alagoanos

Octavio Brandão é um moço que prende a attenção de quantos viajantes illustres passam em Alagôas. Um espirito lucido, dedicou-se ao estudo da mineralogia, da paleonthologia, da historia daquelle Estado, e tem em elaboração um livro sobre os canaes e as lagôas, que mereceu já elogios de Rocha Pombo, de Oliveira Lima e varias autoridades. A erudição desse moço, aos vinte e um annos, destaca-o no meio em que vive.

Agora, enveredou pela sociologia, apaixonou-se pela doutrina de Kropotkine e préga em chronicas e em versos a repartição das terras entre os trabalhadores. O mais interessante é que a familia a que elle pertence é uma das mais ricas de Alagôas e possue leguas e leguas de terra.

Nas malhas da policia

Foi preso um anarchista conhecido pelo pseudonymo de Ariel. Octavio resolveu fazer-lhe uma visita, sendo então colhido pelas malhas policiaes.

Emquanto estava detido, procediam as autoridades a uma busca em sua casa, carregavam-lhe todos os papeis, inclusive algumas notas por elle colhidas em trabalhosas pesquizas, feitas muitas em pantanos, nas lagôas, nas proximidades dos canaes e dos rios, onde se encontravam os fosseis e os sambaquis que proporcionavam ao estudioso o conhecimento de uma época a ser tratada em seu livro...

A imprensa anarchista no norte

A imprensa anarchista no norte do paiz está representada na *Tribuna do Povo*, bem feito semanario que se publica em Recife por iniciativa do joven e activo camarada Antonio Canellas.

Antonio Canellas, nascido em Nictheroy, foi no Rio e em Nictheroy typographo de alguns jornaes e de officinas de obras. Do Rio partiu para Alagôas, depois de ter convivido com Astrojildo Pereira.

Passou pela imprensa alagoana como operario, fundando depois um periodico em que iniciou a propaganda do anarchismo. Quando do decreto do governo brasileiro acceitando o estado de guerra com a Allemanha, Antonio Canellas fez um jornal que escandalizou os pacatissimos comedores de sururú. Era a condemnação da guerra em termos severos contra os dirigentes. Isso valeu-lhe uma carta de Oliveira Lima, que applaudiu a sua attitude. Canellas era a esse tempo um moço de 18 annos. Uma séria manifestação de desagrado da parte dos patrioteiros maceioenses, resultou no apedrejamento da redacção da "Semana Social", sendo elle ameaçado de morte.

Poucos dias antes fôra instaurado contra Canellas um processo por crime de injuria, promovido por um commerciante. Uma coisa auxiliou a outra, e elle teve de retirar-se para o Recife, onde trabalhou na revisão do "Diario de Pernambuco".

Não tardou, porém, a fundar a "Tribuna do Povo", que tem hoje grande circulação em Pernambuco, em Alagôas e na Parahyba.

Uma carta de José Oiticica

O camarada José Oiticica não tinha tomado até então parte em nenhuma reunião dos anarchistas alagoanos, mas nem por isso deixou de apparecer no noticiario dos jornaes da terra.

No bolso de um operario a policia encontrou uma carta firmada por elle e dirigida a Octavio Brandão, recommendando a este que proseguisse na campanha em pról do ideal anarchista.

PRIMEIRO DE MAIO

Pela Paz e pela Justiça

AOS TRABALHADORES EM GERAL

COMPANHEIROS!

Após quasi cinco annos de innominavel sangueira em que a humanidade viveu sob o mais terrivel dos pesadelos, assistindo apavorada e desorientada a esse desenrolar de morte, de desgraças e de abominações sem conta, surge-nos um 1.° de Maio esperançoso e promissor, no momento em que o operariado de todo o mundo se apresta a quebrar as ultimas cadeias de sujeição, de dependencia e de escravização.

A loucura imperialista que por longos annos preparou as nações para essa chacina horrivel que tantas desditas causou, chegou aos seus ultimos esforços sem nada ter conseguido nem solucionado. E os que se arrogam ter sahido da luta vencedores, confessam a propria incapacidade em resolver os problemas formidaveis que estão no tapete da discussão e que se impõem a todo o mundo duma maneira imperiosa, inadiavel e concludente.

Os governos de todos os paizes fizeram as mais solennes promessas, expandiram os mais categoricos juramentos, proferiram as mais generosas affirmativas de liberdade, de independencia, de bem-estar e de garantias economicas, moraes e sociaes para os povos em geral com o fim de vencerem a guerra. Mas, acabada esta, vê-se que tratam unicamente de dividir o bolo entre os tubarões de mais afiados dentes, entre as feras de mais longas garras, entre os peixes de mais escancaradas guelas.

Felizmente, do lado dos communistas da Russia e Hungria e da convulsionada Baviera sopra um vento forte de transformação social que ninguem poderá deter e que já envolve o mundo proletario e popular numa atmosphera de quente enthusiasmo, de vibrante expectativa, de arrebatadora esperança.

E' certo que os governantes de todos os paizes se preparam para intervir nos negocios internos da Russia e da Hungria para esmagarem a Revolução nesses paizes iniciada e que ameaça estender-se universalmente. Contra esta pretenção é que devemos protestar vehementemente, energicamente, potentemente. Ninguem tem o direito de se intrometter nos negocios particulares de qualquer cidadão e aquillo que se admitte de particular para particular com mais justa razão deve estabelecer-se de nação para nação.

Os povos desses paizes convulsionados que derrubaram os usurpadores governos que os escravizavam, cumpriram o seu dever e nós saudamol-os commovidamente e aqui lhes hypothecamos toda a nossa sympathia e todo o nosso desejo de os secundar na libertadora tarefa a que metteram hombros.

Proletarios!

A' luta! uni-vos, organizae-vos, associae-vos, pois só assim, cohesos e solidarios, sabendo os direitos que vos assistem e conhecendo os deveres que sobre vós pezam é que podereis abalançar-vos ao ataque decisivo a este mundo de lama, de miserias e de podridão em que vegetaes e que só pede uma parcella de força, de consciencia e de convicção da vossa parte para passar ao numero das velharias e das cousas mortas.

Companheiros!

Lembrae-vos que, "separados, somos fracos e que somos fortes bem unidos" e que da nossa fraqueza e separação é que nossos inimigos se prevalecem para nos espoliar e subjugar. Que a commemoração desta velha data proletaria sirva de incentivo para o advento de uma nova era, para o desenvolvimento de uma nova consciencia, de nova actividade e energia operaria. Reuni-vos em vossos syndicatos, prestigiae e apoiae todas as reivindicações justas, aprestae-vos para as conquistas generosas e para o triumpho dos elevados ideaes.

Não vem longe o dia da grande derrocada burgueza. E, se a quereis apressar, fortificae-vos em vossas organizações operarias e grupos sociaes, estudae, lutae, melhorae-vos, dignificae-vos, tomae consciencia de vossa força, da justiça que vos assiste e da necessidade da transformação social que se approxima.

Obreiros!

Lancemos um olhar ao que vae pelo mundo. O operariado de todos os paizes prepara-se para realizar, em 1.o de Maio, manifestações imponentes, declarando a greve geral por 24 horas como protesto a este estado desgraçado de cousas que suffoca a vida dos trabalhadores e como demonstração de força, disciplina e vigor da classe operaria que se prepara para tomar a direcção das sociedades humanas.

Aqui no Brasil onde existem os mesmos motivos de queixas para os trabalhadores em geral, pois que em toda a parte somos vexados, explorados, vilipendiados pelo parasitismo burguez e capitalistico, o operariado deve tambem realizar uma manifestação que se imponha pela sua imponencia e que condense em si as grandes ideias que tanto interesse despertam na hora presente.

Trabalhadores!

Sêde solidarios com o operariado mundial. Aproveitae este dia de reivindicações sociaes para accorrerdes a todas as reuniões operarias a realizarem-se, onde colhereis as boas sementes da sociedade futura.

Companheiros!

Abandonae as officinas, as fabricas e as obras neste dia de confraternização mundial e vinde animar com a vossa presença esta manifestação de protesto e de solidariedade internacional!

Homens opprimidos e explorados!

Façamos côro com todos os trabalhadores do mundo, entoando as estrophes do hymno redemptor:

Bem unidos façamos
Nesta luta final,
Uma terra sem amos
A Internacional!

O "Comité" Promotor da Commemoração

constituido pelas associações operarias, grupos sociaes e jornaes obreiros

FARPAS DE FOGO

Um patife

George Geville, não sei se os camaradas sabem, é um illustre desconhecido que garatuja na *Platéa* nephelibatices de caracter guerrista. Pois ha dias o diabo do homem entendeu variar de *cantiga* a proposito do attentado contra Clemenceau, o *pae da victoria* (não se trata da Victoria que tem uma mãe pouco *seria*...), e zás: pespegou-nos com esta objurgatoria fulminante como um raio... que o parta:

«Não ha um segundo a perder! onde quer que se achem esses émulos de Lenine e Trosky, esses partidarios do Browning, esses animaes nefastos (a besta pensou estar falando com a familia...), é preciso encarceral-os, pôl-os na impossibilidade de causar prejuizos.»

Nero, Caligula, Torquemada, Loyola, etc., já não pertence, louvado deus, a este mundo. Mas não ha duvida que deixaram por cá bastantes descendentes, verdadeiras hyenas com figura de gente. Nós, que não fabricamos armas para conquistar territorios; nós, que não vivemos do suor de ninguem; nós, que queremos pão e liberdade para todos — somos uns bandidos! Candidos donzeis, adoraveis benemeritos — são elles, os exploradores, os ladrões, os assassinos em larga escala!

Que patife o tal Geville!..

Andrade Cadete.

"A PLEBE" NO RIO

E' encontrada á venda nos seguintes pontos:

Rua da Assembléa, 29, esquina da rua do Carmo, engraxate.

Rua Gonçalves Dias, 78, agencia do sr. Braz Lauria.

Estação Central, com o sr. Paschoal Mauro, vendedor de jornaes.

Largo da Lapa, 112, com o sr. Januario Bruno.

Rua Marechal Floriano Peixoto, 60, engraxate.

Largo da Carioca, 2, com o sr. Paschoal Trote.

Rua Marechal Floriano Peixoto, 106 engraxate.

Café Criterium, Largo do Rosario, 82.

AO CRESCER DA MARE'

Zeno, em uma das suas chronicas bizarras, entretecidas de ironia e belleza, disse textualmente isto: "Eu estou persuadido de que esta guerra é a morte das classes médias, como as guerras da Revolução e do Imperio foram a morte das aristocracias. Daquellas veiu o Liberalismo individualista e burguez. Desta virá a Democracia Socialista."

De facto, é esta a perspectiva. Caminhamos a passos gigantescos para a realização captivante do que ainda, ha uma vigesima parte dum seculo, se mostrava uma utopia de audazes sonhadores.

Arde a Revolução, intensa e crepitante Russia em fóra, adentro da Allemanha (da propria Allemanha disciplinada a ferro) e da Hungria.

Assistimos já ás suas primeiras manifestações na Inglaterra, essa velhota que assim parece pouco contente com a sua decantada liberdade. Contemplamos a Revolução em inicio na Hollanda, no Luxemburgo, na Italia, Rumania e Paizes Scandinavos.

Já os seus ecos se fizeram ouvir por quasi toda esta seductora America e um frémito ancioso já despontou no seio dos "escravos brancos".

Presente-se o gigantesco e seguro caminhar da Revolução. E' por isso que pretendem deter-lhe a marcha fulminante, aterrados, os governos imperialistas. E como lhes vae já minguado o poder da força bruta, como as proprias patas dos cavallos que dantes lhes serviam fieis ameaçam agora confundil-os pela irreverencia dos coices, buscam um recurso promissor de salvação no ardil, na patranha, na fulcatrua.

Entretanto é a Revolução dos Povos acrisolada na alma immensa, fórte de energias bellas, augusta em toda a cruel torpeza da tremenda amalgama que a gerou — miserias inconcebiveis, infinitos soffrimentos, fomes insaciaveis! e podem por isso esses governos deshumanos, patranheiros e capciosos tentar tudo o que quizerem, querer tudo o que tentarem, que jamais a esmagarão.

Tudo o que façam, tudo o que engendrem, tudo que mintam, não passará de irrisorios diques de papelão a deter inutilmente a onda caudalosa que cresce, que se anima dia a dia, hora a hora, de vigor potente para os subjugar em breve, em dia que não vem longe e cuja aurora já clareia.

E não deixará de ser curioso o espectaculo que ha-de offerecer-se-nos quando, apoz o subir da maré, já maré cheia, fôrem descortinados, mal distinctos, por entre escolhos e destroços de senis chavécos, todos esses governos imperialistas impotentemente a debaterem-se e a impetrar misericordia daquelles que outrora lh'a não mereceram.

Comtudo, será isso naturalissimo para quem conhece a psychologia dos covardes.

Ricardino de Salvaterra.

Significação historica do Maximalismo

Conferencia pronunciada pelo dr. José Ingenieros sob os auspicios da federação de associações de cultura

«Ninguem se sinta offendido, pois a ninguem incommodo e se canto deste modo por julgal-o opportuno, não é para ser importuno, mas para bem commum».

MARTIN FIERRO, Parte II, § 33

A revolução allemã

Estava neste ponto o processo revolucionario russo quando se produziu a derrubada da autocracia allemã, convencendo o seu povo que as relações entre o Kaiser e Deus eram uma de tantas forças com que os maliciosos enganam os tolos. A victoria dos alliados provocou na Allemanha e na Austria a esperada revolução; ha tres semanas que a bandeira vermelha flameja nos castellos imperiaes e que o poder passou para as mãos dos revolucionarios.

Que echo têm tido esses acontecimentos nos demais paizes europeus? Guiando-nos por uma informação parcial, a unica que até hoje temos, é visivel que no primeiro momento da crise os governos exaggeraram o caracter maximalista dos successos, olhando-os como uma consagração de sua victoria militar. Mas bem cedo as informações se tornaram tranquilizadoras e querem dar impressão de que a mudança de regimen se operou sem os caracteres explicitos de uma verdadeira revolução social.

E' verosimil que o povo allemão, mais disciplinado que o russo, tenha sido capaz de executar até agora a sua revolução com certa ordem; mas não devemos excluir que os governantes vencidos podem consentil-a como uma força necessaria para illudir o cumprimento de algumas condições reclamadas pelos vencedores. Inclina-nos a desconfiar dos revolucionarios allemães a inesperada sympathia que manifestam pelo maximalismo alguns impudicos germanophilos que até ha um mez adoravam o Kaiser e hoje sorriem de felicidade sob o barrete phrygio.

Não nos equivoquemos. A crise revolucionaria allemã está em seu primeiro periodo, como a russa nos tempos de Kerensky; é crivel que cedo serão desalojados do poder os suspeitos e virão homens, que por seus principios provados constituam uma garantia de lealdade para proprios e extranhos. Quando tal occorra, não é difficil que a agitação maximalista, definida já na Suissa, na Hollanda, na Suecia e na Dinamarca, se pronuncie abertamente na França, na Italia, na Belgica, na Polonia e na Inglaterra, se é que não tenha começado nos povos e o cal e o cabo manejado pelos governos.

Creio, firmemente, que a paz definitiva não será firmada pelos actuaes governantes; dentro de poucas semanas ou de poucos mezes, quasi todos os governos europeus terão passado a outras mãos, livres para preparar uma paz cimentada em aspirações distinctas das que marcavam os dirigentes da guerra. Aquella paz de Stockolmo, que foi obstada pela vaidade dos governos, seria, provavelmente, imposta ao mundo pela cordura dos povos.

As aspirações maximalistas

Sem muitos dons propheticos se pode prever que agora virá o que desde antes da guerra se considerava como sua consequencia: uma transformação profunda das instituições em todos os paizes europeus e nos que vivem em relações com elles. Isso, somente isso, merece o nome de Revolução Social — com maiusculas — e não as passageiras desordens e violencias que a acompanharão.

O resultado final será um bem para a humanidade, como o da precedente Revolução Franceza; porém, muitos de seus episodios serão, sem duvida, desagradaveis no momento de occorrerem. As revoluções nisto se parecem com certas medicinas, ao oleo de castor, por exemplo; no acto de tomal-o produz desgosto e nauseas, mas depois faz bens muito grandes sobre o organismo, depurando-o de seus residuos inuteis e nocivos.

O momento historico actual é dos que se produzem uma vez em cada seculo, determinando uma attitude geral favoravel a toda a iniciativa renovadora; **o maximalismo e a aspiração de realisar o maximo de reformas possiveis dentro de cada sociedade, tendo em conta suas condições particulares.** Não pode concretisar-se em uma formula unica, sendo antes uma attitude que um programma. Não é legitimo pensar que as nações civilisadas quererão ensaiar as innovações discutidas desde ha meio seculo? Muitas dellas não se têm já experimentado nestes annos de guerra sem que ninguem pense em voltar atraz? Longe de nos inspirar o menor receio, o maximalismo deve considerar-se como um desenvolvimento intregral do minimalismo democratico enunciado por Wilson.

Conhecemos a objecção dos espiritos timidos; ha varios mezes que a ouvimos. Dizem que o maximalismo se propõe simplesmente a matar e saquear a todos os que possuam alguma cousa, em beneficio dos que não têm nada, como certos conservadores hespanhoes que, entretanto, chamam á republica **a repartidora** e a seus partidarios **canalhas**, sem suspeitar que receberão seus beneficios muito antes do que crêem...

Não cahiremos no paradoxo de affirmar que a revolução social a que assistimos tem por objecto favorecer os ricos contra os pobres.. Cremos ao contrario que as aspirações maximalistas serão mui distinctas em cada paiz, tanto em seus methodos como em seus fins. Parece-nos natural, por exemplo, que se nacionalisem os immensos latifundios da Russia, mas acreditamos que esse problema não se pantenteará na Suissa ou na Belgica, onde a propriedade agraria está já muito subdividida nas mãos dos mesmos que trabalham. Explicamo-nos a liberdade das igrejas dentro dos estados quando pela sua organisação ellas não constituam um perigo social, mas cremos provavel em outros casos a nacionalisação de todas as igrejas e seu contrôle uniforme pelo Estado. Achamos possivel que em povos muito civilisados os municipios sejam a cellula fundamental de federações livres, mas em villarejos atrazados e rotineiros a mudança de regimen só poderá ser estabelecida sob legitimo influxo dos mais adiantados e progressistas.

Esses exemplos, muito faceis de comprehender, permittem-nos fixar este conceito geral: as aspirações maximalistas serão necessariamente distinctas em cada paiz, em cada região, em cada municipio, adaptando-se a seu ambiente physico, a suas fontes de producção, a seu nivel de cultura, e ainda á particular psychologia de seus habitantes.

Não haverá um maximalismo uniforme e universal, mas tantos programmas maximalistas quantos são os nucleos sociologicos que recebem o benefico influxo da presente revolução social.

A' margem de uma conferencia

Apesar de professar ideias libertarias, estive a fazer numero entre os basbaques que se espremiam ao redor do Theatro Municipal. Não me foi possivel entrar, embora munida de convite. Mas, si não tive o prazer de ouvir Ruy Barbosa, ouvi, no entanto, coisas muito interessantes cá fóra.

Quando um garoto qualquer gritou por pilheria: «Lá vem a cavallaria!» — e outros fizeram éco: «Cavallaria! cavallaria!» — houve uma debandada geral e um senhor bem apparentado exclamou:

«E' só falar em cavallaria para que elles demonstrem a sua *coragem*... Pobre do Ruy, si precisar contar com este povo para subir ao Cattete!»

Num grupo de gente mal vestida falava-se sobre a candidatura Ruy da seguinte maneira:

«Gostaria de ouvir o velhote; elle agora promette mundos e fundos, mas quando esteve empoleirado será tão bom ou peior que os outros...

«O que nós precisavamos era de um homem com energia bastante que fosse capaz de nos livrar dos exploradores extrangeiros. Somos um povo escravisado; aqui os extrangeiros fazem o que querem, exploram-nos á vontade e ninguem lhes pede conta. O Ruy não serve, está muito velho, e os velhos são como as crianças: em tudo precizam de guia. Imaginem o que não será o governo de um velho e carola...»

Em um outro grupo ouvi uma mulher que dizia:

«Pouco se me dava ouvir o «caduco»; o que eu queria era ver o theatro; quando passo por aqui, dá-me vontade de entrar; ha de ser uma belleza por dentro, não Nhã-nhã? Que pena! hoje que estava franqueado ao povo, não se póde entrar!...

— Porque não vem uma noite, quando tem companhia, comadre? — perguntou um velhote de barba hirsuta.

— Ih, compadre, nem fale! a gente mal ganha para comer; vamos agora pensar em theatro? Theatro é só para a gente rica!

— Depois, Sinhasinha disse que não deixam entrar quem não vem em traje de rigor...

— Que quer dizer traje de rigor? — indagou uma mocinha de ar ingenuo.

— Traje de rigor, explicou alguem, é andarem as mulheres com as «mamelas» á mostra!

— Credo, minha nossa senhora! E os homens?

— Os homens... ora os homens têm o cerebro mais pezado que o das mulheres, ouviram? A deusa vaidade nada arranja com elles...

— O que enche de indignação a gente, repoz um rapagão antipathico, é pensar que esse magestoso edificio que ahi está custou o dinheiro de nós todos e só aquelles canalhas é que se deliciam...

Então, caros leitores, ouvi ou não ouvi coisas bem interessantes cá fóra?

Isa Ruti.

"A PLEBE"

A PLEBE publica-se sob a responsabilidade de um grupo de camaradas, estando a sua compilação confiada a *Edgard Leuenroth*.

Da administração está encarregado *Evaristo Ferreira de Souza*, a quem deverão ser endereçados os vales postaes e registrados, devendo ser com elle tratado tudo quanto se relacione com o trabalho de assignaturas, pacotes, venda avulsa, bem como a cobrança em geral.

* * *

Os amigos e companheiros que effectuaram pagamentos na primeira phase do jornal, terão as respectivas importancias levadas ao seu credito, desde que nol-o communiquem.

* * *

Afim de dar a maior divulgação possivel á folha e estender a nossa propaganda, além das assignaturas, estabelecemos a venda avulsa em pacotes, para serem adquiridos pelas organisações operarias, grupos, companheiros e sympathizantes que tratarão de os distribuir ou revender.

Cada pacote de *12 exemplares* custa *1$000*, não devendo haver demora nos pagamentos, pois isso crearia embaraços á nossa administração, já sobrecarregada de muito trabalho.

NO RIO

Comité Central pró-«A Plebe»

Recados e informações com os camaradas Rocha e F. Gomes, na séde da U. O. da Construcção Civil, praça da Republica, 231, para onde deve ser tambem dirigida a correspondencia.